



---

**50 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP: anos de formação**

*50<sup>th</sup> Anniversary of The Program in Brazilian Literature of University of São Paulo: Years of Formation*


Amanda Angelozzi

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9561-9636>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4283330441527187>


Cláudia Ayumi Enabe

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1430-9490>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7842549612179140>

Fernando Borsato dos Santos

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9487-4619>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9707708253062422>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.205061>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/205061>

Recebido em: 29/10/2022. Aprovado em: 30/11/2022.

---

**Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**


São Paulo, Ano 11, n. 21, ago.-dez., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: [opiniaes@usp.br](mailto:opiniaes@usp.br)

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)    [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

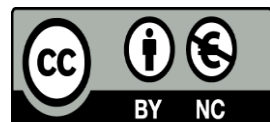
---

**Como citar (ABNT)**

ANGELOZZI, Amanda; ENABE, Cláudia Ayumi; SANTOS, Fernando Borsato dos. 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP: anos de formação. *Opiniões*, São Paulo, n. 21, pp. 114-147, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2022.205061>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/205061>.

---

**Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

---

# 50 anos do programa de pós-graduação em literatura brasileira da fflch-usp: anos de formação

50<sup>th</sup> Anniversary of The Program in Brazilian Literature of University of São Paulo: Years of Formation

**Amanda Angelozzi<sup>1</sup>**

Universidade de São Paulo – USP

**Cláudia Ayumi Enabe<sup>2</sup>**

Universidade de São Paulo – USP

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É bacharela e licenciada em Letras pela mesma instituição com dupla habilitação em Português e Italiano e licenciada em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Estuda a obra da autora Clarice Lispector desde a iniciação científica. No momento, pesquisa a figuração da botânica na obra da autora. Participa do Grupo de Estudos de Crítica Literária e Psicanálise, coordenado pelas professoras doutoras Cleusa Rios Passos e Yudith Rosenbaum, na Universidade de São Paulo, desde 2018. É editora da Revista Opiniões desde 2021. E-mail: angelozzi02@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9561-9636>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4283330441527187>.

<sup>2</sup> Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Graduada em Letras, com habilitação em Linguística e Português, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Pesquisou o romance Lavoura arcaica, de Raduan Nassar, junto à área de Literatura Brasileira desta instituição, desenvolvendo projeto de iniciação científica apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Atualmente, estuda o amor como estrutura discursiva na contística de Lygia Fagundes Telles. Possui interesse, sobretudo, em literaturas de língua portuguesa modernas e contemporâneas. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ficção Brasileira, coordenado pelo Prof. Dr. André Luis Rodrigues, na Universidade de São Paulo. E-mail: [claudia.enabe@usp.br](mailto:claudia.enabe@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1430-9490>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7842549612179140>.

**Fernando Borsato dos Santos<sup>3</sup>**

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.173747>

---

<sup>3</sup>Doutorando do Programa de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP. É mestre em Letras (Literatura Brasileira - FFLCH-USP), Bacharel em Letras (Português e Inglês - FFLCH-USP), membro do Grupo de Pesquisa CNPq “Da autoria literária: história, atualidade e perspectivas” e é assistente editorial da Machado de Assis em linha - revista eletrônica de estudos machadianos (Qualis A1). E-mail: [fernando.borsato.santos@usp.br](mailto:fernando.borsato.santos@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9487-4619>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9707708253062422>.

**Resumo**

Esta seção reúne depoimentos de docentes e egressos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, dando continuidade às celebrações do aniversário de 50 anos. Os relatos acompanham as trajetórias formativas junto ao PPGLB, de modo a atingir uma perspectiva afetiva da história do Programa. Os autores das lembranças a serem lidas nas próximas páginas são: Acauam Oliveira, egresso e professor da Universidade de Pernambuco; Caio Cesar Esteves de Souza, egresso e doutorando na Universidade de Harvard; Ligia Rivello Baranda Kimori, egressa e do IEB e pesquisadora independente; João Roberto Gomes de Faria, professor titular do PPGLB; Noemi Jaffe, egressa, escritora e professora; e Yudith Rosenbaum, professora do PPGLB.

**Palavras-chave**

Memória. Afeto. Literatura brasileira. Depoimento.

**Abstract**

This part of the journal consists of testimonies from the Program in Brazilian Literature of University of São Paulo professors and graduated students, continuing with the celebrations for its 50th anniversary. The personal stories show how the authors have made their path through academic life within the program. It will provide us with emotional insights about the program history. These contributions that the reader will find in the next pages are from: Acauam Oliveira, graduated student and professor at University of Pernambuco; Caio Cesar Esteves de Souza, graduated student and currently PhD student at Harvard University; Ligia Rivello Baranda Kimori, graduated student and independent researcher; João Roberto Gomes de Faria, professor; Noemi Jaffe, graduated student and novelist; e Yudith Rosenbaum, professor.

**Keywords**

Memory. Affection. Brazilian literature. Testimony.

Tantos pisam este chão que ele talvez  
um dia se humanize

*Carlos Drummond de Andrade*

Formação é uma palavra-chave para os estudos literários. Como anos de aprendizado, a construção do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (PPGLB) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) se prolonga no tempo e no espaço, na medida em que forma e é formado pelos seus membros. Esses 50 anos de estudos de literatura e cultura nacionais representam também anos de resistência pelas humanidades. Dessa maneira, mais do que uma medida temporal, o cinquentenário é simbólico também para a pesquisa e para a preservação do pensamento brasileiro.

No ano de 2021, produzimos um evento em parceria com o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV-USP) e o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) que, durante três dias, reuniu professores e alunos para uma rememoração das histórias, dos afetos e da tradição que marcam esses 50 anos.<sup>4</sup> No primeiro semestre de 2022, publicamos a primeira seção Depoimentos sobre o PPGLB, reunindo relatos de alguns dos professores que testemunharam e participaram da construção do Programa.<sup>5</sup> Agora, nesta edição, seguimos as comemorações com esta segunda seção de Depoimentos, desta vez, convidando docentes e egressos do Programa.

A seção conta com seis depoimentos, contribuíram: Acauam Oliveira, egresso do PPGLB e professor da Universidade de Pernambuco; Caio Cesar Esteves de Souza, egresso do PPGLB e doutorando na Universidade de Harvard; Ligia Rivello Baranda Kimori, egressa do PPGLB e do IEB e pesquisadora independente; João Roberto Gomes de Faria, professor titular do PPGLB; Noemi Jaffe, egressa do PPGLB, escritora e professora; e Yudith Rosenbaum, professora do PPGLB.

Uma extensa tradição compõe esses cinquenta anos de formação. Esperamos que este trabalho da memória que vem sendo desenvolvido mantenha vivo e alimente este legado, de modo que novas trajetórias sejam formadas, afinal, a formação nunca se finda. Vida longa ao PPGLB e a todas e todos aqueles que o construíram, constroem e construirão!

---

<sup>4</sup> O evento está disponível nos canais do Youtube da USP FFLCH e também do IEB nos seguintes endereços: <https://www.youtube.com/watch?v=59NCGsT-sik> e <https://www.youtube.com/watch?v=jcgsjG1EVY>.

<sup>5</sup> A primeira seção Depoimentos sobre o PPGLB pode ser encontrada na edição de número 20 da *Opiniões* no seguinte endereço: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/199758>.



*Prédio de Letras da FFLCH-USP (Arquivo pessoal).*

# encantamento e confronto: experiência negra na usp dos anos 2000

Por Acauam Oliveira

Recebi com muita alegria o convite para participar dessa série de homenagens e celebrações por ocasião dos cinquenta anos do Programa de Literatura Brasileira da USP, dessa vez por meio de um depoimento de teor ensaístico. Passado o momento inicial de euforia, contudo, deparo-me com o dilema clássico que diz respeito à própria forma “depoimento”: a necessidade de dotar de interesse geral uma experiência particular, sem que o peso histórico faça perder o frescor da experiência.

A escolha do ponto de vista é, portanto, absolutamente determinante para o sucesso ou fracasso do relato, e foi com isso em mente que optei por escrever sobre os efeitos causados pelo padrão-USP em um então quase homem, preto, evangélico, vindo do interior (Marília) para a capital do estado. O modo como o encantamento e o confronto com a Universidade de São Paulo constituiu boa parte daquilo que eu sou, alterando para sempre os rumos da minha vida, pode ser uma boa porta de entrada para tratar de alguns aspectos mais gerais do caminhar negro sob vigilância branca.

## o menino é pai do homem

Começemos, pois, com um aprendizado negro elementar, muito anterior à experiência universitária. Um conselho de dona Alzira:

Meu filho, um preto tem o dever de sempre dar o seu melhor em tudo o que ele faz. Porque o mundo vai tentar tirar tudo de nós, mas não pode jamais arrancar da gente essa dignidade.

Antes da multiplicidade de horizontes e descobertas de formas novas de ser, a delimitação de uma postura ética elementar, não partilhada pelos mais privilegiados. Injusta, certamente, pela disparidade de parâmetros, mas de onde emerge um tipo particular de disposição ética, nomeado por minha avó como “dignidade”. Dignidade essa que é, entre outras coisas, amor pelo saber, tão caro às lutas negras por emancipação.

Daí minha escolha por entrar de cabeça naquele universo novo, buscando extrair dele o tanto quanto me fosse possível, pouco importando o seu grau mais imediato de utilidade: grego, iorubá, tupi, russo, tênis de quadra, ginástica olímpica, pagode, semiótica, economia política, antropologia. Um homem negro, alijado irremediavelmente do todo, almeja nada menos que o universo inteiro.

Um dos aspectos mais positivos da experiência formativa na USP é, certamente, o acesso a sua magnífica infraestrutura. Um local que de fato oferece o suporte necessário para aqueles que buscam dar o seu melhor, até serem

consumidos no processo. Essa estrutura é fundamental para que a experiência literária dos estudantes de Letras seja vivenciada da maneira mais adequada: não como um conteúdo a que se aprende, mas como um espaço em que se habita – o que possui uma conotação tanto metafórica quanto objetiva, nas formas de assistência estudantil que garantem o acesso e a permanência dos estudantes mais pobres.

Dentre as inúmeras (e ainda assim, insuficientes) possibilidades ofertadas, um xodó em particular: a biblioteca da FFLCH – Florestan Fernandes –, uma das minhas maiores saudades. Eu adorava aquele lugar para ler, paquerar, dormir, conspirar, sonhar, fazer nada. Uma biblioteca distante, e muito, da realidade que encontramos na maior parte das instituições públicas e privadas do país. Toda escola merecia ter uma biblioteca como aquela, capaz de promover uma paixão tátil e visual pelos livros, que é uma das formas mais efetivas de estimular o amor pela leitura.

Aquela biblioteca representava não apenas livros disponíveis em abundância, em proporções até então inimagináveis para mim, mas também o aprendizado real e concreto de formas de ler. Independentemente de quais fossem os conteúdos, a cada volume folheado o aprendizado tátil de um modo particular de pensamento. Saber fazer-se outro por meio da leitura. Aprendizado de máscaras.

## aos mestres, com carinho

A biblioteca, contudo, era apenas parte de um sistema muito maior e complexo, que envolvia um outro elemento absolutamente fundamental: os professores. Aquele universo intelectual, a um só tempo tátil e abstrato, jamais se transformaria em fonte de prazer sem a atuação de um conjunto extraordinário de docentes, responsáveis por fazer do saber, experiência.

Um equívoco bastante comum ao longo da formação universitária, em que desaprendemos muito do que sabíamos na escola, é a crença de que o aprendizado acadêmico se dá fundamentalmente por meio dos livros. De fato, esses são a substância mesma do aprendizado, e o domínio desse ou daquele eixo teórico irá determinar muito da nossa voz e dos limites do nosso pensamento. Mas o que dota de vida aquela substância imaterial é a atuação do professor em sala de aula. Teorias migram e se transformam no interior dos livros empoeirados. Os professores, no entanto, dentro dos limites efêmeros de uma aula, são eternos.

E nesse campo em particular, foram muitas as experiências marcantes que tive o privilégio de vivenciar. A paixão de Alcides Vilaça pelo vagar dos versos; a erudição humilde de Alfredo Bosi; a performance arrebatadora de Nicolau Sevcenko; o rigor ético-amoroso de Marcos Natali; o aprendizado paciente dos conceitos de Franklin Leopoldo e Silva; o instrumental que Ariovaldo José Vidal oferta para que qualquer um possa penetrar no reino das palavras, desde que surdamente; a acidez do bigode de Paulo Arantes; a arquitetura do pensamento de José Antonio Pasta Junior; o hegelianismo marxista de Jorge Grespan. Além de todo acolhimento, empatia, senso do belo e lucidez de José Miguel Wisnik, com quem tenho aprendido imensamente ao longo desses anos.

Eu não reconhecia em nenhum desses mestres aquele tipo de espetacularização de si, própria à performance dos que visam antes a si que ao



objeto do saber. Com eles aprendi que é o amor pelo conhecimento compartilhado, em suas múltiplas formas, que deve ocupar o centro das atenções em uma boa aula. Amor pelos objetos, que transparece em sua didática, em oposição aos modelos em que o foco principal é o ego de professores e alunos que fazem da aula uma exposição monocórdica da própria pesquisa, ou dos que falam incessantemente de si quando o tema é o Outro. O amor pela sala de aula tornada um tipo particular de comunidade, tal qual imaginada por Deleuze:<sup>6</sup> espaço paradoxal de *solidão compartilhada*, individualmente vivida em conjunto. Os grandes mestres deixam-se tomar por seus objetos, fazendo da aula um rito e da sala um modo de experienciar-se no Outro.

## das negativas

Dito isso, é claro que a USP não seria o que é caso não partilhasse em alguma medida do grande pacto de segregação, pilhagem e ocultamento promovida por nossa vulgar elite letrada, da qual é filha diletta. A um só tempo, *escola de pensamento e projeto de poder*. Projeto civilizatório que, enquanto tal, ancora-se nos mais diversos tipos de violência.

Parte significativa daquilo que sou deve-se também a tudo aquilo que me foi sistematicamente negado pela universidade em meus anos de formação e pesquisa, desde a graduação até a pós.

(Cito um exemplo. Foi no curso de Letras da USP que aprendi a entender e, conseqüentemente, amar a Machado de Assis, uma das minhas maiores referências em termos de possibilidade de construção de pensamento a partir da desagregação enquanto sistema. Por outro lado, foi também a USP que tentou me convencer a todo custo de que a cor de Machado não era um fator relevante, o que vai contra tudo o que acredito hoje, dentre outras razões por que o elemento cor é o não sublimável por excelência, base do pensamento machadiano. Machado é o maior não apenas por ter dominado melhor do que ninguém a linguagem empobrecida das elites do seu tempo, mas porque incorporou a ela saberes negros fundamentais que a crítica, branca, desconhece por completo. A percepção que tenho hoje de que Machado é um dos mais brilhantes cavalos de Exu é, portanto, absolutamente antiuspiana).

Antes de mais nada, estar na USP é reconhecer-se como parte da maior universidade da América Latina. O maior dos *departamentos franceses de ultramar*. Muitas e muitas vezes. Sem termos de comparação para a maioria, tal afirmação, a princípio abstrata, é incorporada subjetivamente como modo de ser. Em se tratando da elite letrada do país, cujo tamanho do ego é diretamente proporcional a sua pequenez intelectual, a afirmação reiterada da própria superioridade não se dá sem conseqüências.

Lembro-me nitidamente de um jovem estudante de filosofia com quem conversei na fila do R.U., e que do alto de seu vasto conhecimento filosófico (estava então em seu segundo ano de graduação) acreditava ter refutado algumas teses elementares de Hegel que, a propósito, escrevia muito mal. Mesmo sem saber nada

---

<sup>6</sup> DELEUZE, G. *O abecedário*. Entrevista a Claire Parnet (1988). Transcrição e tradução do vídeo de T. Tadeu da Silva.

de alemão, esse jovem já havia incorporado um ensinamento uspiano muito mais elementar: a crença absoluta na própria superioridade, certeza cujo teor partilha da mesma matéria que compõe a ideia fixa que matou Brás Cubas.

Com o passar dos anos, muitas dessas figuras acabavam por tomar um banho de humildade ao iniciarem suas pesquisas na pós-graduação (outro espaço de adoecimento), quando então viam-se confrontados com sua incapacidade de se tornar um novo Kant, dada a impossibilidade de Kants do favor. Nos piores casos, contudo, essa autoilusão seria alimentada ao longo de toda vida por um complexo sistema branco de autopreservação (*pacto narcísico da branquitude*), até sua consolidação em definitivo com a conquista de uma cadeira de professor titular. Intelectuais que dão aulas como que por acidente, uma vez que sua real vocação é ser a encarnação tropical de Foucault, adquirida nos seis meses vivenciados como ouvinte na *Université Paris 8*.

Aqueles corredores, que tanto me ensinaram em relação ao compromisso com a Verdade do saber intelectual, eram também o palco por excelência de seu exato oposto, Teoria do Medalhão em estado bruto.

Digo por experiência própria que não é nada fácil escapar a esse espírito colonizador travestido de *ethos* civilizatório. O professor/intelectual que acredita que seu papel é *iluminar* o povo iletrado e carente. Além de ser uma tentadora forma de massagear o próprio ego, assumir tal persona pode ser uma questão de sobrevivência para alunos negros e pobres que de repente se veem estudando com filhos de embaixadores. A aparência da verdade frequentemente funciona como a verdade mais poderosa.

Daí ter sido fundamental para mim a mudança para o Nordeste do país, movimento decisivo para que eu enfim reconhecesse que o padrão-USP, o “melhor da América Latina”, simplesmente não serve como modelo e parâmetro a se atingir. Sequer serve como paradigma para a maioria dos lugares e, com toda certeza, serve pouco às necessidades do agreste meridional pernambucano, onde atualmente me encontro. Não por insuficiência de nossos alunos e seu corpo docente – como certa autoindulgência narcisista gosta de acreditar – mas por insuficiência do modelo que, ao se propor paradigma, assume um padrão de verticalidade antifreiriana que nega o caráter de construção coletiva do conhecimento como estratégia de emancipação de toda a sociedade. A universidade que precisamos (de fato, a Universidade que o Brasil precisa) é outra, muito mais próxima de um horizonte verdadeiramente democrático, rumo a outro padrão de excelência, menos descaradamente branco.

## lições de partir

Ainda hoje lembro com exatidão de um dos meus primeiros trabalhos de Teoria Literária, uma análise sobre o poema “Lua Nova”, de Manuel Bandeira. Sete páginas que àquela altura me pareciam impossíveis de serem escritas. Foram seis meses debruçados sobre aqueles versos, incorporando seu ritmo e andamento até sua sensação em mim tornar-se, literalmente, física. O doloroso aprendizado da crítica.

Lembro nitidamente de um dos versos desse poema, que carrego comigo desde então: “Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir”. O potencial negativo e ao mesmo tempo solar que se advinha nele parecia conter,

como um segredo que se revela ao não ser enunciado, algo de minha própria experiência universitária. De fato, talvez o maior ensinamento que a USP tenha me proporcionado foi apontar, um pouco a contragosto, os caminhos para sair dela.

Digo sem exageros que essas preciosas lições de partir foram responsáveis por mais de 80% da minha formação. A grande greve de 2002; as novas famílias que se construíam nas repúblicas estudantis; os pagodes no *Aquário*; as festas “ilegais”; a falsificação de carteirinhas para que o público externo pudesse ter acesso à estrutura da Universidade. Eram nesses pequenos movimentos de subversão que a Universidade parecia nos revelar seu verdadeiro potencial.

Outro desses gestos mínimos de recusa passava pelo modo de vivenciar a negritude em um espaço predominantemente branco. Aprendizados de escola pública: o distanciamento irônico, sagaz e bem-humorado, cujo efeito era a produção de um modelo espontâneo de “antiuspianismo” afrontoso, que posteriormente se casaria bem com certa tradição marxista de crítica das instituições liberais (Paulo Arantes e Roberto Schwarz à frente).

Esse distanciamento promovia uma espécie de intuição contraideológica, decerto cínica, porém fundamental naquele momento como forma de habitar espaços de não pertencimento, escapando tanto ao deslumbramento inocente, quanto ao sentimento de inferioridade que tanto adoece aos nossos. A postura de distanciamento irônico permitia a nosso pequeno grupo de estudantes negros expor a verdade da dominação como fundamento do saber que se performava naquele lugar. Ou seja, nós parodiávamos a branquitude enquanto farsa ao mesmo tempo em que nos apropriávamos de sua linguagem, como uma forma de habitar a partir do não pertencimento.

Como jogar um jogo cujo resultado – a derrota – é conhecido de todos muito antes de se entrar em campo? Hoje, tenho bastante clareza de que uma boa estratégia para se habitar espaços brancos de poder é a velha tática de manter *um olho no peixe e outro no gato*. Ter diante da universidade a mesma atitude de Ulisses – preto velho – ante a invocação das sereias. Deixar-se encantar sem, contudo, perder-se de si. Pois tão fundamental quanto a *escolha* daquilo que desavergonhadamente se oferta é o aprendizado, muito mais lento e gradual, daquilo que devemos *recusar*.



*Acauam Oliveira (Arquivo pessoal).*

## uma formação em mosaico

Por Caio Cesar Esteves de Souza

Em 2011, iniciei meus estudos na FFLCH-USP. Durante o meu primeiro ano, me lembro que ainda morava com os meus pais em Cubatão e subia e descia a serra todos os dias de ônibus para assistir às aulas. O meu contato com a Área de Literatura Brasileira se deu ainda nos primeiros dias de meus estudos na USP, quando o Prof. Dr. João Adolfo Hansen ministrou uma aula de abertura do curso de Letras aos alunos de primeiro ano, sob convite do CAELL. A aula durou cerca de duas horas, como quase todas as aulas de graduação na FFLCH. Eu me lembro muito distintamente de um sentimento de descoberta de um novo mundo após aquela aula, que discutiu desde autores do período colonial luso-brasileiro até autores modernos como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Saí da aula e fui, ainda um pouco atordoado, ao café da Tia Bia, onde fiquei sentado por um tempo estranhando tudo e pensando sobre o que tinha acabado de acontecer. O compromisso com uma leitura historicamente informada sem, no entanto, ser historicista, e a possibilidade de estabelecer conexões entre autores improváveis do cânone brasileiro me foram apresentados ali e foi assim que decidi – para a minha própria surpresa – que passaria meus próximos anos me dedicando a essa área.

Durante a graduação e a pós-graduação, tive aulas com quase todos os professores da área, fosse como aluno regularmente matriculado em seus cursos ou como ouvinte regular ou eventual em diversas aulas de praticamente todos os cursos ministrados pelo programa entre 2011 e 2019. Eu sempre achei interessante notar como cada docente abordava o fenômeno literário no Brasil de ângulos paradoxalmente divergentes e complementares. As leituras apaixonadas feitas pelo Professor Villaça dos poemas de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade me colocavam em contato com o que havia de mais genuíno em meu interesse pela poesia – a beleza das imagens poéticas, a sonoridade e o ritmo que eternizam versos em nossa memória, a pungência de verdades inconvenientes ditas por esses poetas que jamais se encaixaram muito bem no mundo que os cercava.

Com o Professor Jaime Ginzburg, pela primeira vez vi como a literatura pode e deve ser inserida em um campo mais amplo de produção e circulação do pensamento, e como é possível mobilizarmos leituras de Marx, Nietzsche, Freud, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Murilo Rubião, Cecília Meirelles e Foucault (entre muitos outros autores) para entendermos questões sobre a presença do autoritarismo em diversas dimensões de nossa sociedade e cultura; também foi com ele que aprendi como a busca pelo pacifismo muitas vezes passa por uma luta ferrenha contra tempos de violência.

A Professora Judith Rosenbaum foi a primeira pessoa a me apresentar com mais profundidade a psicanálise como uma ferramenta possível para a compreensão do indivíduo no mundo. Em seu curso, fazia análises muito finas de contos de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, além de um trabalho monumental com o *Grande Sertão: Veredas*, que sempre atraía alunos ouvintes de outros cursos. Sua preocupação era sempre manter a primazia do literário e trazer a psicanálise como um auxiliar na leitura dos textos principais; como ela mesma dizia, era necessário não colocar personagens e autores no divã. Fora das aulas, eu sempre

pedia recomendações de outras leituras para ela e foi assim que acabei conhecendo outros textos de Freud, Melanie Klein, Lacan, e também de críticos literários como Benedito Nunes, Vilma Arêas etc. Gostei tanto do curso de Literatura Brasileira II que voltei no ano seguinte para atuar como seu monitor.

Com a Professora Cilaine Alves Cunha, aprendi a notar as particularidades dos critérios de produção e legibilidade dos textos literários no século XIX, desnaturalizando a leitura dos autores do cânone nacional oitocentista como pertencentes a uma linha do tempo positivista e teleológica. Passei a ler autores como Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Aluísio Azevedo e mesmo Machado de Assis já não mais como representantes de escolas literárias, como havia sido treinado para fazer durante o Ensino Médio, mas como produtores de textos com vozes e preocupações próprias, que dialogam com os seus contemporâneos (fossem eles brasileiros ou europeus) e com os textos de seus próprios passados.

Alguns anos mais tarde, as aulas do Professor Hélio de Seixas Guimarães me faziam atentar também à sua recepção crítica, fosse ela veiculada em jornais e revistas ou em livros de crítica literária especializada. Essas aulas acrescentaram ainda uma outra dimensão metalinguística à metalinguagem da crítica literária. Aprendi a pensar a crítica da crítica de forma sistemática e histórica – e esse aprendizado foi crucial para o meu próprio trabalho crítico com autores setecentistas posteriormente.

Foram tantas as aulas que assisti como ouvinte, que tenho medo de cometer injustiça ao mencionar alguns professores e esquecer de outros. Sempre que algum amigo comentava sobre alguma aula específica que tinham gostado, eu arranjava uma forma de ir assistir a uma aula avulsa do curso daquele professor para conhecer a sua abordagem. Foi assim que vi aulas do Professor Vagner Camilo sobre a poesia social de Drummond e sobre o romantismo no Brasil; da Professora Simone Ruffinoni sobre os poemas em prosa de Cruz e Sousa; do Professor José Antonio Pasta Jr. sobre a presença de Hegel na prática literária romântica e sobre os romances de José de Alencar; do Professor João Roberto Gomes de Faria sobre o teatro oitocentista brasileiro; e do Professor Murilo Marcondes de Moura – uma das pessoas mais cordiais que conheci na FFLCH – sobre Basílio da Gama e a poesia neoclássica. Todas essas aulas, apesar de muitas vezes partilharem certos pressupostos críticos e historiográficos comuns, me apresentaram uma literatura brasileira multifacetada, uma espécie de mosaico de um campo fértil que nos convida constantemente a explorá-lo e a acrescentarmos nossa voz a ele.

A primeira pesquisa que desenvolvi junto à área de Literatura Brasileira foi uma iniciação científica sobre a representação dos escravos na poesia social de Castro Alves. Fui orientado, nesta pesquisa e em todas as demais, pelo Professor João Adolfo Hansen, que desde então se tornou um amigo por quem tenho muito carinho e respeito, além de sempre ter sido um dos intelectuais mais sérios e comprometidos com o seu trabalho que conheci em minha vida. Desde o início de minha iniciação científica até a minha última visita ao Brasil alguns meses atrás, a erudição do Hansen sempre me fascinou e ainda fascina. Não pela quantidade de livros lidos – que é por si só impressionante – mas pela facilidade com que, entre uma xícara de café e outra, a nossa conversa vai de Aristóteles a Beckett, de Dante a Philip Roth, de Gregório de Matos a Guimarães Rosa e de volta a Plotino e a Virgílio. E a variedade de textos e tradições que constituem essa erudição não é

utilizada por ele como um pretensioso símbolo de poder, mas como parte inseparável da sua experiência como ser no mundo. Ainda durante minha iniciação científica, criei coragem e lhe perguntei, em frente à Biblioteca Florestan Fernandes, onde costumávamos nos encontrar, como era possível que ele houvesse lido e escrito tanto. Ele achou graça da pergunta, mas de repente ficou sério, acendeu um cigarro (à época, ainda fumava), pensou um pouco e me disse que não deveríamos ler simplesmente com o objetivo de ler muito e sermos eruditos; mas sim porque sem essas leituras o mundo que nos cerca era um lugar muito mais miserável. Com o Hansen, aprendi que o que fazemos não é simplesmente a construção de uma carreira, de um repertório de leitura ou o acúmulo de capital simbólico; aprendi que o estudo da literatura não é sequer apenas uma missão: ele é uma forma de existir no mundo, muitas vezes contra o mundo ou a despeito dele.

A minha trajetória na FFLCH, constantemente marcada pelo meu contato com a Área de Literatura Brasileira, mudou completamente o meu lugar no mundo que me cercava, e efetivamente expandiu o mundo que eu conhecia. A minha Iniciação Científica recebeu um prêmio da reitoria da USP que me levou a Portugal para apresentar meus resultados na Universidade do Porto. Por razões financeiras e estruturais de nossa sociedade, sair do país jamais havia se mostrado como uma possibilidade para mim até aquele momento. Foi meu envolvimento com a pesquisa literária que me proporcionou essa oportunidade, que depois se tornou cada vez mais frequente, tendo apresentado minhas pesquisas de Mestrado e de Doutorado, ambas sobre a poesia de Alvarenga Peixoto, em congressos no Brasil, em Portugal, na Itália, na Polônia e nos Estados Unidos. Desde 2019, estou cursando o meu segundo doutorado na Universidade de Harvard, em Línguas e Literaturas Românicas, agora me especializando nas narrativas de viagem à costa brasileira do século XVI. Acho engraçado como, mesmo depois de todos esses anos, o PPGLB segue sendo uma presença constante em todos os ambientes acadêmicos especializados pelos quais eu passo. Nas raras vezes em que não ouço meus pares fazerem referência ao trabalho de algum(a) professor(a) do programa, eu noto sempre a presença implícita desses trabalhos em minha própria fala e em minha forma de abordar o fenômeno letrado luso-brasileiro.

Estive envolvido também com outros aspectos do PPGLB nos nove anos que passei na USP. Por algum tempo, fiz parte da organização das primeiras edições do Seminário do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira (SPPGLB), do comitê que publicou os seus primeiros anais, e também da comissão editorial responsável pela retomada da *Revista Opiniões* por alguns números. Meus colegas e eu gastamos muitas tardes nos reunindo e desenvolvendo esses projetos coletivos com a única ambição de que anos mais tarde nossa contribuição ao programa continuasse sendo levada adiante por outros alunos de mestrado e doutorado que, idealmente, compartilhassem esse nosso desejo de contribuir para a manutenção e continuação do programa. Ter sido membro da comissão editorial dos números 8, 9 e 10 da *Opiniões*, em uma época em que sequer era claro qual seria o futuro da revista, e vê-la hoje conseguindo manter consistentemente a sua periodicidade e tendo mais do que dobrado o seu número de edições desde aquela época é algo que me causa muita felicidade. Ter apresentado minha pesquisa no 3º SPPGLB e hoje ver que esse seminário se tornou um evento periódico anual do Programa e já chegou à sua 8ª edição também me deixa muito feliz. Tudo isso indica o que nós todos sabemos ser de verdade: a capacidade do Programa de Pós-Graduação em

Literatura Brasileira da USP de aliar sua tradição de cinco décadas com o seu compromisso com as necessidades do presente e com a construção de seu próprio futuro. É isso que sempre fez esse programa ser sinônimo de excelência acadêmica no Brasil e entre a comunidade internacional especializada. Para mim, foi e ainda é um prazer e uma honra poder acompanhar de perto essa história de sucesso e de compromisso público com a construção do conhecimento do Brasil sobre a sua própria história e cultura.





*Caio Cesar Esteves de Souza (Arquivo pessoal).*

## a pós-graduação em literatura brasileira nos anos 1970

Por João Roberto Gomes de Faria

A pós-graduação como a conhecemos hoje, com a função de formar Mestres e Doutores, estava dando os seus primeiros passos na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, quando ingressei no mestrado em Literatura Brasileira, no ano de 1974 (o programa havia sido criado em 1971). Quase cinquenta anos se passaram e muitos detalhes a minha memória não guardou, mas espero dar uma ideia de como funcionava a pós-graduação, a fim de recuperar um pouco da história de nossa área.

Em 1973, eu estava no 4º. ano de Letras, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, que não pertencia ainda à Universidade Estadual Paulista. Como tinha aulas de Teoria Literária com a Profa. Walnice Nogueira Galvão, pedi-lhe informações sobre a pós-graduação na FFLCH. Ela então me disse que, de um modo geral, os professores-orientadores faziam uma entrevista com os candidatos e aplicavam uma prova escrita, de acordo com a área de concentração.

Não havia, como há atualmente, a exigência de um projeto de pesquisa. Cada candidato era entrevistado pelo docente com quem se inscrevia; a entrevista avaliava o seu conhecimento de literatura e teoria da literatura. Lembro-me muito bem da entrevista que fiz com o Prof. Décio de Almeida Prado, na qual tive que responder a muitas perguntas sobre dramaturgia brasileira. Evidentemente ele queria saber que autores eu tinha lido e qual era a minha familiaridade com o assunto. E me lembro também das duas questões que ele formulou para a prova escrita. Tínhamos – os candidatos – que discorrer sobre “as relações da obra literária com seu autor” ou “as relações da obra literária com a sociedade”. Esclareço que não havia lista prévia de pontos ou indicação de obras e autores para orientar a preparação dos candidatos. Sabia-se apenas que uma prova escrita seria aplicada.

Como a pós-graduação estava no começo, na área de Literatura Brasileira havia apenas quatro ou cinco professores aptos para serem orientadores e oferecerem disciplinas. Lembro-me dos professores Alfredo Bosi, Décio de Almeida Prado, José Aderaldo Castello, José Carlos Garbuglio e Telê Porto Ancona Lopez, que era pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros, mas atuava na pós-graduação de Literatura Brasileira. Eram pouquíssimas as vagas abertas a cada processo seletivo, que acontecia uma vez por ano. No início de 1974, por exemplo, somente o Prof. Décio de Almeida Prado abriu vagas: cinco, para o mestrado.

Igualmente eram poucas as disciplinas oferecidas: às vezes uma ou duas ao longo do ano letivo. Como tínhamos que cursar três disciplinas na área de concentração e duas em outras áreas, consegui fazer quatro disciplinas em 1974: estudei o teatro brasileiro do período pré-modernista, com o Prof. Décio de Almeida Prado, e Machado de Assis, com o Prof. Alfredo Bosi; fiz uma disciplina na ECA, sobre as dramaturgias de Nelson Rodrigues e Oswald de Andrade, com o Prof. Sábado Magaldi, e, na área de Teoria Literária, uma disciplina sobre conceitos de estrutura e autonomia literária, com o Prof. Davi Arrigucci Júnior. Mas tive que fazer a terceira disciplina de Literatura Brasileira em 1976, porque em 1975 foram

repetidas as que havia feito em 1974. Completei os meus créditos com uma disciplina sobre a crítica literária no modernismo, dada pelo Prof. José Aderaldo Castello. Conto isso para dar uma ideia de como podia ser difícil cumprir os créditos em menos de dois anos, o prazo que tem hoje o aluno de mestrado para cursar duas disciplinas e redigir a dissertação. A avaliação era feita como atualmente, creio: seminários e uma monografia. A carga horária continua a mesma: doze aulas.

Não esqueçamos que estávamos em plena ditadura. Os pós-graduandos eram obrigados a fazer uma sexta disciplina, sobre “problemas brasileiros”, que também era obrigatória na graduação. Isso, em toda a universidade. A cada ano, ou dois, se não me falha a memória, um docente da faculdade era escolhido para organizar essa disciplina, que funcionava à base de palestras. A intenção da ditadura era passar valores cívicos, por meio da exaltação da pátria e coisas do tipo, algo que talvez funcionasse em outras áreas, mas não na de humanas. Na nossa pós-graduação as palestras abordavam os verdadeiros “problemas brasileiros”.

Mencionei acima a dificuldade de concluir os créditos em menos de dois anos. Mas é preciso lembrar algo que deixa os atuais estudantes de pós-graduação estupefatos: o prazo para a realização do mestrado era de oito anos. O doutorado direto devia ser feito em nove anos. Com prazos tão dilatados, nem todos os mestrandos e doutorandos utilizavam os oito ou nove anos. Mas muitos, sim, porque, o grau de exigência era muito alto. Não é sem razão que dezenas de dissertações e teses defendidas ao longo dos anos 1970 e mesmo 1980 foram publicadas como livros, tornando-se obras de referência em seus campos de estudo.

Outra razão para a utilização dos oito ou nove anos é que a maioria dos mestrandos e doutorandos que ingressaram na pós-graduação de Literatura Brasileira naquela época era formada por docentes de universidades federais e estaduais paulistas do interior, que na época se chamavam institutos isolados. Me lembro das turmas em que fui aluno. Havia jovens professores do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Bahia, Minas, do interior de São Paulo (Assis), muitos fazendo o doutorado direto. Como estavam empregados, não se preocupavam em terminar logo suas teses. Eu mesmo tive uma colega de orientação que era professora na Universidade Federal do Paraná. Foi essa geração dos primeiros ingressantes no mestrado e doutorado da nossa faculdade que posteriormente organizaram a pós-graduação nas universidades federais e estaduais paulistas, depois de titulados.

Outra prática comum proporcionada pelo prazo dilatado é que podíamos fazer várias disciplinas como ouvintes. Como o número total de mestrandos e doutorandos na área de Literatura Brasileira era pequeno, os professores não se opunham a que seguíssemos suas disciplinas como ouvintes. Não é preciso dizer o quanto nos beneficiamos com essa possibilidade de aprimorarmos nossa formação.

Por outro lado, aspecto negativo a ser realçado, quase não havia bolsas de estudo disponíveis. Claro que os jovens professores já empregados não as tinham, porque não podiam acumular duas remunerações. Mas tampouco os demais mestrandos e doutorandos, pois a Capes e o CNPq não estavam organizados como atualmente. A Fapesp, por sua vez, tinha orçamento apertado e, quando ia atribuir as bolsas solicitadas em determinado período, colocava os pedidos da área de humanas em último lugar. A maior parte dos meus colegas fez o mestrado ou o doutorado trabalhando. Não fosse o prazo dilatado, muitos não teriam conseguido concluir suas dissertações e teses.

Em relação ao conhecimento de línguas estrangeiras, o exame de proficiência era feito em geral depois de completados os créditos de disciplinas. Atualmente, o aluno é submetido ao exame, que é eliminatório, antes do ingresso na pós-graduação. Nos anos 1970 o pós-graduando podia ser reprovado e tinha a chance de refazer o exame. Era exigido o conhecimento de uma língua estrangeira para o mestrado e duas para o doutorado, como hoje.

A defesa de uma dissertação de mestrado não mudou: a banca examinadora era formada por dois docentes, mais o orientador; a de doutorado, com quatro docentes, difere um pouco de como é atualmente: três docentes, mais o orientador.

A pós-graduação foi, para mim, um período de aprendizado constante. Eu era recém-formado e muito novo. Precisava estudar com afinco para acompanhar as disciplinas, o que sempre fiz com imenso prazer. Minha geração teve a sorte de poder trabalhar muito cedo, ingressando na docência do ensino superior antes mesmo da conclusão do mestrado. Foi o que aconteceu comigo e vários colegas. Comecei a dar aulas na Universidade Federal do Paraná em 1976, quando era mestrando. Tinha uma colega também mestranda e outra doutoranda, ambas na nossa faculdade. Outras três colegas tinham apenas a graduação e uma especialização. Depois de algum tempo também elas fizeram mestrado e doutorado. Eram outros tempos. O diploma de Mestre era bastante valorizado. Atualmente os concursos de ingresso na carreira docente exigem o doutorado. E como multiplicaram-se os cursos de pós-graduação pelo país, quando uma universidade abre uma vaga, na área de Literatura Brasileira, o número de candidatos é enorme, a concorrência é acirrada. Mas é melhor que seja assim, pois até o início dos 1980 não havia concursos. Os chamados “catedráticos” indicavam recém-formados para dar aulas como auxiliares de ensino ou “assistentes”, recebendo salário ridículo, com um contrato de doze horas de trabalho por semana. O tempo integral, como existe atualmente, só foi implementado nos anos 1980 na nossa faculdade. Não é preciso dizer que fomos contemplados com esse regime de trabalho depois das áreas de Ciências Exatas e Ciências Biológicas.

Espero que essa “memória” dos meus tempos de mestrando em Literatura Brasileira tenha dado uma ideia de como foram os primeiros anos de funcionamento da pós-graduação na nossa área. Quando fiz o doutorado, nos anos 1980, o nosso programa de pós já estava consolidado e contava com um número razoável de docentes doutores, entre eles os jovens auxiliares de ensino que haviam ingressado na área no início dos anos 1970. Refiro-me aos professores Alcides Villaça, Antônio Dimas, Flávio Aguiar, José Miguel Wisnik, Nádia Battella Gotlib (transferida da área de Literatura Portuguesa), Roberto Brandão e Zenir Campos Reis. Vieram reforçar o time em que atuavam Alfredo Bosi, José Aderaldo Castello, José Carlos Garbuglio e Telê Porto Ancona Lopez (Décio de Almeida Prado havia se aposentado em 1982). Centenas de Mestres e Doutores foram formados por esse belo plantel de professores, nas duas ou três décadas que se seguiram.



*Professor João Roberto Gomes de Faria (Foto: Cristovão Tezza. Arquivo pessoal do professor João).*

## da literatura principiando...

Por Ligia Rivello Baranda Kimori

Trabalho bonito e cuidado esse de repisar os passos de percursos interessantes que deram forma ao programa de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. A contribuição dos professores, somada ao jogo de ampliar horizontes proposto a cada novo pesquisador que se apropria desse campo, instituiu, ao longo de tantos anos, a partilha das muitas trajetórias cruzando esse espaço de estudo que não se encerra na instituição unicamente. Lembro-me bem como fui me aproximando desse mundo outro, tão meu afinal.

O contato com os professores da Literatura Brasileira traz memórias boas, inclusive passagens em que o tempo parecia suspender e prosseguíamos todos para uma esfera literária irreversível, completa, ampla. Assim foram as duas ocasiões em que ouvi o Professor Antonio Candido, no Anfiteatro de História e no saguão do antigo IEB, tantos olhos atentos àquelas palavras; de mesmo modo, recebemos Davi Arrigucci Jr. e ler poesia pareceu incontornável. Instantes indelévels na formação desses alunos. Que privilégio, na graduação, participar das disciplinas de Alcides Villaça, Bosi, Hansen, João Roberto Gomes de Faria, Vagner Camilo, Yudith Rosenbaum, Marcos de Moraes, Hélio de Seixas, Antonio Dimas, José Miguel Wisnik... convite à reflexão, sugestão de leitura, troca de ideias, o desdobrar-se do campo literário.

Ao longo de meu percurso em Letras Português/Francês, achei-me à minha parceira de nome – e que seria grande amiga – Ligia Fonseca Ferreira, então professora de Língua Francesa do Departamento de Letras Modernas, para iniciar uma Iniciação Científica. Muito afeita às relações culturais França-Brasil, a professora sugeriu um caminho que permeasse essa temática. Foi quando em um levantamento na Biblioteca Florestan Fernandes, em 2004, o exemplar de *Música, doce música*, compilação de críticas jornalísticas de Mário de Andrade, tornou-se meu objeto de pesquisa. Selecionei, como *corpus*, os ensaios que cuidavam de músicos, compositores ou mesmo músicas francesas. Eram os primeiros passos em direção ao poeta da pauliceia.

Ao final desse ciclo, Ligia querida sugeriu-me, em seu faro certo de pesquisadora e alma de professor, tal qual o escritor paulistano, acompanhar como ouvinte as aulas da professora Telê – novo mundo moderno em dimensões de Mário ainda não notadas, que descoberta! Entrei em definitivo para o programa de Literatura Brasileira naquele ano, em 2011, e compreendi os desdobramentos então possíveis. Eu estava diante de minha mestre, sempre orientadora e grande cúmplice – como ela gosta de repetir nas palavras de Antonio Candido – Telê Ancona Lopez. Como todos sabem, grande especialista na vida e obra do escritor Mário de Andrade, professora da Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, bem como do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo, onde leciona há mais de cinco décadas.

Essa trajetória começou com a graduação em Letras Neolatinas pela PUC. Então, seguiu para USP, onde Antonio Candido foi seu orientador de mestrado e de doutorado, de 1964 a 1970, em Teoria Literária e Literatura Comparada na FFLCH. Ministrou cursos e orientou projetos, formou inúmeros pesquisadores com uma

firmeza admirável e uma gentileza ímpar, sempre franqueando acesso a todo seu material e oferecendo seu tempo muito, muito e muito. Impressionantes as tardes em que tive o privilégio de ler poesia ao lado dela: declamações de poemas longos, memória de versos importantes à pesquisa, partilha de material o tempo todo, caminhada fraterna e correções impecáveis – nunca minha produção textual teve uma leitura tão arguta, sensível e, principalmente, alinhada ao conteúdo sem perder a estética: “– afinal, somos das Letras, Lígia, não faz o menor sentido esquecer a forma”. Com a professora Telê, aprendi a escutar a musicalidade do texto, dizê-lo em voz alta, eliminar cacófonos, abandonar palavras que não dizem, fugir do “academiquês” que esvazia as linhas e preenche de afetação os parágrafos.

Nesse propósito, seu grupo de pesquisadores colocou em prática a ideia que ela projetava há tempos: debater artigos literários a fim de apreender não somente o conteúdo, mas atentar à forma, à seleção de vocábulos, à maneira de introduzir o aparato crítico e, na sequência, promover uma roda de conversa com o autor para conhecer seu processo de criação, tema tão caro nessa empreitada dela pela literatura brasileira. As “Jornadas de estudos: o trabalho do crítico” aconteciam no Edifício Brasiliana e, para além dos encontros que despertaram para a feitura dos textos e as tramas urdidas pelos autores Walnice Nogueira Galvão, Jorge Coli, Adélia Bezerra de Menezes, entre outros, nos almoços com o grupo, junto aos ilustres convidados, a conversa estendia-se e ganhava contornos memoráveis.

Telê Ancona foi também curadora do Arquivo Mário de Andrade, no IEB-USP até 2008 e coordenou o projeto temático da FAPESP “Estudo do processo de criação de MA nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e em suas leituras (2006-2011)”, quando liderou pesquisadores para organizar o material do Arquivo. Entrei para esse grupo na etapa final de classificação dos documentos, mas consegui dimensionar a estrutura valiosa que guardavam aquelas tardes. Os pesquisadores traziam dúvidas, achados, elementos que escapavam às categorias estabelecidas como padrão e, mediadas pela professora, discussões sobre manuscritos, processo criativo e exemplar de trabalho se avolumavam. Lembro de seus esboços a giz, identificando matrizes diretas e indiretas, relações entre os projetos do escritor e as notas autógrafas, a definição de notas de trabalho. E, vale lembrar, o constante revisitar dos pressupostos combinados, as escolhas participativas, a mudança de rota e o ajuste das perspectivas sempre que necessário. Escuta ativa, pesquisa como troca curiosa, partilha.

Em 2015, prossegui junto dela, agora no doutorado. Solicitamos uma Bolsa Estágio Pesquisa no Exterior (BEPE) para a FAPESP e levei Mário de Andrade e os parnasianos a Paris, expandindo a pesquisa dos poetas brasileiros e considerando também os franceses. Os desdobramentos dessa tese trouxeram alegria e deslocamentos importantes. Pertencer ao Programa de Literatura Brasileira proporcionou uma gama de contatos com pesquisadores – bons amigos – e seus trabalhos de recortes tão particulares. Esse vínculo intensificou quando integrei por três anos a comissão do Seminário anual do programa: o estabelecimento dos temas, a escolha dos resumos apresentados, a montagem das mesas, o convite aos professores, a seleção de salas e datas, além da decisão quanto ao formato do seminário, tudo pensado de maneira coletiva e alinhando pesquisas múltiplas. Momento de aprendizado na articulação dos materiais e ocasião valiosa de fazer circular, na prática, os estudos literários.

Dentre as incontáveis memórias que marcam meu percurso pelas Letras e, em especial, pelo Programa de Literatura Brasileira, certamente o dia da defesa do doutoramento carrega cores particulares. Na tarde quente de 20 de fevereiro ainda não havia sinal da pandemia da Covid-19, estávamos em 2020. A professora Telê escolheu como local para a realização do exame o Salão Nobre do prédio da administração, pois seria a última orientanda de sua carreira a encerrar a pesquisa. Familiares, amigos, professores e pesquisadores trouxeram audiência calorosa, clima de festejo. A banca foi composta pelos professores Marcos Antonio de Moraes, Roberto Zular e Emmanuel Santiago, leitores cuidadosos e interessados. A cerimônia da defesa transcorreu bem e, como fechamento, a professora lembrou seu percurso, seus orientandos, sua dedicação à pesquisa; defendeu a importância da universidade pública e despediu-se da tarefa de orientar, missão sempre executada com afinco e afeto. Tem mais não.





*Professora Telê Ancona Lopes com seus orientandos. Da esquerda para a direita: Professor Marcos Antonio de Moraes, Ligia Rivello, professora Telê Ancona Lopes e Marcelo Maraninchi (Arquivo pessoal Ligia Rivello).*

Entrei na faculdade de letras da FFLCH em 1979, ainda antes de completar 17 anos, cedo demais. Na época, entrei em Português, Inglês (língua que eu já falava bem) e Russo. Meus pais eram de origem sérvia, eu já tinha familiaridade com o sotaque eslavo e com algumas palavras e, além do mais, gostava da literatura russa.

Minha primeira decepção com a faculdade foram as aulas do então curso de inglês, extremamente conservador e, em termos de conteúdo e pedagogia, um fiasco. Uma das professoras exigia que decorássemos rezas anglicanas para recitar antes da aula, pediu que fôssemos vestidos de gala para a data do aniversário da rainha Elizabeth e nos obrigava a decorar barulhos de bichos. Em aula, ela gritava: “the cock” e a sala ecoava em coro: “cock a doodle doo”. “The cat”, e a classe, uníssona: “Meow”. “The dog”, “Bow-aw”. Não é brincadeira minha. Isso realmente aconteceu, embora soe como uma piada absurda. Essa professora, diante das minhas recusas e caretas, me chamou para conversar um dia e, passeando pelas colmeias, me aconselhou a parar de usar drogas, perguntou se eu estava grávida e disse que, nesse caso, ela me apoiaria.

Outra das professoras, de literatura, chegou a perguntar, numa prova, quantas vezes Shakespeare tinha machucado o joelho.

Desisti. Mas, para desistir, era preciso prestar vestibular novamente e foi o que fiz. Em 1980, entrei na faculdade novamente, agora só com Português e Russo.

A partir daí, minha vida começou a mudar. Para melhor.

Minha primeira excelente surpresa foram as aulas do Professor Alcides Villaça, que, definitivamente, marcou minha vida e carreira de professora e escritora para sempre. Seu método de ensino e análise de poesia e prosa é, simplesmente, a explicitação generosa de seu processo de leitura. Ele vai lendo – e lê em voz alta como ninguém – e, simultaneamente, expondo de que forma interpreta frases, ritmos, sons, ironia, alumbramentos, associações, além do contexto histórico e biográfico e as relações dialéticas com outros autores e épocas. É realmente um assombro e uma experiência única ter aulas com ele sobre Machado de Assis, Manuel Bandeira e os poetas românticos, como eu tive. Sua teoria sobre a importância que os românticos atribuíam a tudo o que é inacessível – a mulher doente, a mulher morta, a mulher mais rica, a prostituta, a irmã, a virgem, a liberdade, o sonho, o paraíso – fez com que nós compreendêssemos o romantismo como uma busca infinda e presente em inúmeros outros momentos da história, todos com sua carga de romantismo.

Além disso, quando fui pedir a ele indicações sobre teóricos para pesquisar sobre o romantismo, sua resposta me marcou fundo, com um conselho simples, mas que repito até hoje para os meus alunos: para interpretar um poema, leia o poema e leia o poeta. Depois, se necessário, leia os teóricos.

Ao receber de volta meu primeiro trabalho semestral, sobre a poesia romântica, intitulado “Quase” – trabalho que escrevi a mão em um caderno que também fiz a mão, com desenhos e fotografias, além do texto – ele me perguntou:

“Você quer fazer mestrado?”. Eu mal sabia o que era isso, mas respondi: “É a luz no fim do meu túnel”.

Com o Alcides estudei Manuel Bandeira e decretei para mim mesma que esse era o “meu” poeta para sempre e que a combinação de alumbramento, pouquitude, melancolia e graça de Bandeira seriam meu norte literário.

O Alcides Villaça, para mim e para muitos outros, é o modelo de professor e de intelectual: processual, generoso, interessado na formação dos alunos e apaixonado pelo que ensina. Ele era a continuação e o aprofundamento do que eu tinha aprendido no Equipe, com o Professor Aguinaldo José Gonçalves.

O outro grande presente que a faculdade me deu foram as aulas de literatura russa com a Professora Aurora Fornoni Bernardini. Em certa medida, ela era o oposto do Alcides e, em outra medida, era como ele.

Elétrica, disparada, exigente, vivaz, ela me ensinou a entender e a gostar de teoria literária, me fez conhecer a importância da tradução, me apresentou a autores e escritas que me deslumbraram: Anna Akhmátova, Marina Tsvetáieva (com quem ela dizia que eu me parecia), Maiakovski, Khlebnikov (por quem ela era apaixonada e que nos apaixonou também), Osip Mandelstam (sobre cuja mulher, Nadezhda, trinta anos mais tarde, escrevi um romance) e os teóricos Tynianov, Chklovski, Jakobson, Bakhtin, Osip Brik (com quem Maiakovski e Lilia Brik formavam um triângulo amoroso) e a revista *Polímica*, que ela ajudava a publicar. Ela cobrava rigor, precisão e aprofundamento teórico em nossos textos, o que fez com que para sempre eu entendesse o que é a pesquisa e o estudo necessários para a análise e interpretação de um texto literário.

Mas, além dela, todos os outros professores de russo, de língua, de fonética e de história da Rússia eram excelentes e permitiram que eu saísse da faculdade falando a língua razoavelmente e capaz de traduzir algumas páginas de Tchekhov, coisas que agora, infelizmente, esqueci.

A faculdade também era o Seu Jaime, livreiro que ocupava um canto de um dos corredores das colmeias, onde comprei meu primeiro livro da Editora Aguilar, a obra completa de Drummond até então, quando completei 17 anos. Comprei com meu próprio dinheiro e me dei de presente de aniversário, livro que guardo até hoje. Seu Jaime tinha livros em primeira mão, recomendava, sabia nossos gostos e apresentava novidades. Ele era parte da faculdade, como um professor ou uma disciplina e não era possível pensar na FFLCH sem ele.

Me impressionei na primeira aula com o Professor Alfredo Bosi. Era baixo, miúdo, falava muito baixo, com a cabeça voltada para dentro e a camisa abotoada até o pescoço. Mas todos silenciavam para ouvi-lo e ouvi-lo era como escutar uma prece, mesmo quando ele falava sobre o descobrimento e a literatura dos primeiros anos do Brasil, coisa não muito atraente para jovens como nós. Mas não fazia diferença. Ele podia falar sobre o inferno de Dante ou sobre a poesia de Góngora, sobre Anchieta ou sobre Croce e era sempre como se a classe se tornasse um templo. Assim era também com o Professor Antonio Candido, quando se podia escutar até um pigarro em classe. Pena que, com este último, tive muito poucas aulas, ao contrário de Bosi, com quem fiz um curso de um semestre.

E o Professor Torrano, o Professor Flavio di Giorgi, a Professora Lygia (que me fez entender e adorar análise sintática), além da presença (com quem, na graduação, eu não tive aulas, mas que se tornou meu orientador no mestrado e no

doutorado) do Professor José Miguel Wisnik, que imantava os alunos e me deixava num estado de ansiedade e curiosidade. Como seria ter aulas com ele?

Não fiz muitos amigos na faculdade, porque as salas eram muito espalhadas e eu tranquei a matrícula por dois anos, para fazer um curso de tradutora e intérprete. Quando voltei, as pessoas não eram mais as mesmas e eu era uma aluna relapsa, atrasando as disciplinas, o que me impedia de estudar com as mesmas pessoas. Mas as poucas amigas que fiz, a Anita, a Belkiss e a Go, foram suficientes para que vivêssemos em estado de estranhamento e aventura, encarando as matérias e a faculdade como se fosse um sonho, um poema, uma passagem pela literatura, em que nós éramos personagens quase aladas. Flutuávamos pelos corredores cantando Caetano, escrevendo poemas, matando aulas para ler em voz alta, rindo e chorando. A faculdade também era isso, um espaço quase não real, em que deslizávamos para outro lugar e outras linguagens.

Concluí o curso em 1984, já trabalhando como professora de inglês e, logo em seguida, como professora de Ensino Médio de literatura pelos próximos trinta anos. Em 1994, entrei no mestrado, que concluí no ano 2000 e, em 2003, entrei no doutorado, que defendi em 2007.

Desde então, não frequentei mais a FFLCH, que, já fazia muito tempo, tinha se mudado para o prédio novo, certamente mais preparado em termos de infraestrutura e concentração das salas, o que facilita o trânsito e os encontros entre professores e alunos.

Mas, para mim, a faculdade de Letras são as colmeias e os acasos auspiciosos que aqueles corredores espalhados proporcionavam, com suas promessas de felicidade, afinal cumpridas.



*Noemi Jaffe (foto: ALERJ/ Wikimedia Commons).*

## laços afetivos e acadêmicos: meu percurso na pós-graduação

Por Yudith Rosenbaum

Sou muito grata ao convite recebido por ocasião da comemoração dos 50 anos da Pós-Graduação na área de literatura brasileira. A oportunidade de comentar minha experiência por quase 20 anos como orientadora me levou a olhar pelo retrovisor e rememorar minha entrada na pós como aluna nos anos oitenta. Peço licença, então, para iniciar meu relato por esse ritual, tão valioso para mim.

Ingressei no mestrado na área de Teoria Literária e Literatura Comparada em 1985, com o saudoso mestre e amigo João Luiz Lafetá, crítico memorável, com ensaios sobre Mário de Andrade, Graciliano Ramos e outros, entrelaçando marxismo e psicanálise freudiana.

Nessa época, o processo de seleção era muito diferente do atual. No meu caso, como eu era formada em psicologia, mas não havia completado o curso de letras – embora tivesse cursado várias disciplinas da graduação (português e grego) –, achei importante assistir como aluna ouvinte dois semestres de Teoria Literária com o docente que eu havia escolhido para ser meu orientador. Lafetá atuava na interface que sempre me interessou: crítica literária e psicanálise, trazendo de forma inequívoca a dimensão social de ambos os campos. Entreguei os trabalhos ao final de cada semestre para aferir se havia alguma chance de aceitação na seleção e assim ganhar confiança para me inscrever com ele. Não havia provas e não era preciso entregar nenhum projeto (lembro que escolhi estudar Manuel Bandeira meses depois de minha aprovação). A entrevista era a única porta de entrada e por isso achei necessário que Lafetá conhecesse antes a minha escrita. As perguntas da entrevista versavam sobre os mais variados assuntos, além de literatura: cinema, filosofia, visão de mundo... Por sorte, havia assistido ao filme *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho, recém-lançado (1984). Comentei sobre ele e percebi que era um dos filmes preferidos do meu futuro orientador... Fui salva pelo cinema!

Narro esse começo porque a pessoalidade e o total controle do processo seletivo pelo(a) professor(a), que realizava sua seleção independentemente dos(as) demais docentes, diferem do modelo atual, bem mais impessoal e que avalia através de provas e apresentação escrita de projetos, além de uma entrevista feita por uma banca da qual o(a) pretendido(a) orientador(a) não participa. Nem mesmo o histórico escolar, hoje parte obrigatória do processo, era solicitado, à época, para acrescentar informações.

É preciso contextualizar a mudança: a quantidade de candidatos(as) à pós-graduação até alguns anos atrás era bem menor do que a atual. A ideia de provas eliminatórias, como existe hoje, sequer era cogitada. Inscreviam-se poucos(as) interessados(as) e, ainda que houvesse disputa por alguns nomes que lecionavam na área, não se compara com a competitividade atual. Alterou-se muito o processo seletivo e a relação entre docente e discente está bastante minimizada como fator decisivo para a aprovação ou reprovação, contando mais a performance conteudística na prova, a avaliação do projeto e da entrevista por outros(as) colegas da área. Hoje o protocolo de entrada ainda não atravessou a última fronteira de um

viés pessoal, como já ocorre em outras áreas da Faculdade de Letras: a inscrição só pode ser feita no programa e não com um(a) determinado(a) professor(a) da área. A tendência parece ser essa, uma vez que se busca igualdade de condições para concorrentes não conhecidos(as) pelos(as) docentes. A objetividade superou a subjetividade, com perdas e ganhos, obviamente.

Seja como for, a pós em literatura brasileira sofreu várias mudanças em função da tal CAPES, de que não lembro de ter ouvido palavra em meus 10 anos como mestranda e depois doutoranda... Houve uma USP que existia “fora” do sistema CAPES e, quando fui aprovada na seleção, recebi um telefonema do orientador dizendo que havia bolsas sobrando...

É verdade, também, que, nos últimos processos seletivos, a procura de vagas na área de literatura brasileira tem diminuído, o que merece reflexão do corpo docente. Pode ser um fenômeno bem mais geral, que se refere às expectativas de mercado de trabalho, já que os concursos para docentes também se tornaram mais raros e hiperdisputados, desestimulando a carreira acadêmica.

Meus cinco anos de mestrado e cinco de doutorado foram uma vida inteira para mim, intensa e feliz, mas marcada por uma ruptura trágica com a morte precoce de João Luiz Lafetá aos 49 anos de idade, no meio do meu doutorado. Fui acolhida pela querida profa. Adélia Bezerra de Meneses, também da área de Teoria Literária e Literatura Comparada. Guardo uma gratidão imensa pela profa. Adélia, grande ensaísta e amiga, que me amparou tão carinhosamente em meu luto e me orientou, com muita sabedoria, até o final da tese.

Quando fiz o concurso para docência em 2000, a área de literatura brasileira contava com um time de professores quase 100% masculino. A única mulher que pertenceu à área era a professora Nádia Battella Gotlib, cuja vaga vim a ocupar anos depois de sua aposentadoria. Tornei-me por um certo tempo, como ela fora, a única mulher a compor o corpo docente da área de literatura, até minhas atuais colegas entrarem nos concursos seguintes.

Participo da pós-graduação na área de literatura brasileira desde 2003, dois anos depois do meu ingresso como docente na USP. Meus primeiros mestres defenderam em 2008, portanto são 19 anos de intensa dedicação e convívio com orientandos e orientandas, que me fazem sentir o quanto é gratificante formar e ser formada por pessoas envolvidas em suas pesquisas. Até hoje são 11 mestres(as) formados(as), 5 doutores(as) e uma pós-doutora. Sigo na orientação de três mestrandas e duas doutorandas, além de uma cotutela de doutorado com um colega professor da Sorbonne e uma pós-doutoranda, sem contar orientações de iniciação científica na graduação.

O tempo para mestrado e doutorado diminuiu muito na comparação com o que eu tive. Percebo hoje um aumento da ansiedade em quem enfrenta o desafio de uma reflexão densa e profunda, sofrendo com a redução dos prazos. Como orientadora, vivo de perto o dilema desses(as) pesquisadores(as), que precisam dar conta da vida pessoal e do trabalho acadêmico. Mas quero registrar meu orgulho de compartilhar vivências com pessoas tão especiais, que se empenham para realizar, na escrita ensaística, sua paixão por autores e autoras da literatura brasileira, superando desafios de bibliotecas fechadas na pandemia, bolsa cortada pelas agências financiadoras, entre tantos obstáculos. Tenho absoluto orgulho dos alunos(as) que orientei e oriento, sobretudo pela perseverança e pelo crescimento que acompanho a cada dia. E o melhor: criam-se laços afetivos duradouros!

Registro, ainda, uma das parcerias mais importantes que tive o privilégio de construir ao longo desse período. A professora Cleusa Rios P. Passos e eu coordenamos um grupo de estudos de Crítica literária e Psicanálise, credenciado no CNPq, que reúne orientandos(as) de ambas as coordenadoras, promovendo seminários mensais, Jornadas e Colóquios desde 2004. Com a pandemia, os encontros on-line atraíram participantes de outros estados do Brasil e, também, do exterior. Com a experiência e competência de minha parceira, pude me desenvolver mais nesse território fascinante do encontro entre o texto literário e o saber psicanalítico, tanto a partir de Freud quanto de Lacan, abrindo para seus discípulos (Winnicott, André Green, Pontalis, Laplanche e outros). E já percorremos vários(as) autores(as), não apenas da literatura brasileira, em palestras com convidados(as) externos(as) e participantes do grupo, não apenas da literatura brasileira, proporcionando visadas comparativas (Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Osman Lins, Nelson Rodrigues, Herberto Helder, Edgar Allan Poe...). A premissa é que o protagonismo da análise cabe sempre ao texto literário, enquanto os demais aportes aparecem de forma sempre analógica, alusiva e instrumental, nunca como método aplicativo, reduzindo a estética a explicações finais. A literatura prima por sua abertura e plurivocidade. Assim, acreditamos apoiar as pesquisas dos(as) pós-graduandos(as), que trazem suas contribuições, mantendo viva essa proposição interdisciplinar. Quem sabe se nesses anos todos, divulgando nossa linha de pesquisa em nosso grupo, tenhamos contribuído para que, hoje, a crítica torça menos o nariz quando se menciona a psicanálise como um auxiliar nos estudos literários... Continuamos apostando na importância desse trabalho.

Quanto aos meus colegas de área, esses anos de convívio me ensinaram que a diversidade de abordagens e opiniões não é apenas uma palavra de ordem vazia. É um modo de viver e aprimorar pensamentos e emoções, uma conquista diária e nem sempre fácil... A pesquisa pede interlocução, ganha com as divergências, qualifica-se e se aprofunda quando é questionada e estimulada pelo debate. Sinto falta de mais espaços de conversa e de estudos em conjunto... Todos temos lacunas de conhecimento e é preciso mais troca aberta e desarmada. Mas, a correria no cotidiano de docentes pesquisadores(as) é, muitas vezes, um obstáculo insuperável, dificultando um intercâmbio maior.

Tudo que louvei até aqui na pós-graduação, como enriquecimento e amadurecimento pessoal e acadêmico, devo estender também à graduação. Não separo os níveis. Sou antes de tudo professora e a pesquisa vem para adensar meus estudos e aperfeiçoar minhas aulas. Alguém disse que a vida existe para acabar em livros, mas minha pesquisa pede que as leituras desaguem nas aulas e, então, ganham vida. Somente quando as análises de Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira e outros nomes literários encontram interlocutores(as) na sala de aula (além dos livros, claro), é que vejo sentido em mim como educadora e intelectual. Acho que esse é um traço que me define na graduação e na pós-graduação. Só me realizo quando minhas produções e meus (possíveis) ensinamentos fazem contato com os outros(as), sejam do mundo universitário ou não, para aprender com as diferenças e lançar mais longe os efeitos transformadores da literatura.

A pós-graduação, sem dúvida, é um universo de especialização, mas gostaria que esse riquíssimo conjunto de saberes desenvolvidos por excelentes docentes e intelectuais nas quatro linhas de pesquisa da nossa área (1. Poesia no



Brasil; 2. A prosa no Brasil; 3. Historiografia e Crítica Literárias e 4. Literatura, as demais artes e outras áreas do conhecimento), cuja produção crítica é excepcional e de referência nacional, atinja mais pessoas, alimente outros campos inter-relacionados e tenha um papel ativo na formação humana dos que se interessam vivamente pela cultura e literatura brasileiras.



*Professora Yudith Rosenbaum (Arquivo pessoal).*